

# A rota da porcelana

*Edmund de Waal*

Traduzido do inglês por  
Maria Lúcia Lima

SEXTANTE EDITORA



## Prólogo

### Jingdezhen – Veneza – Dublin

#### I

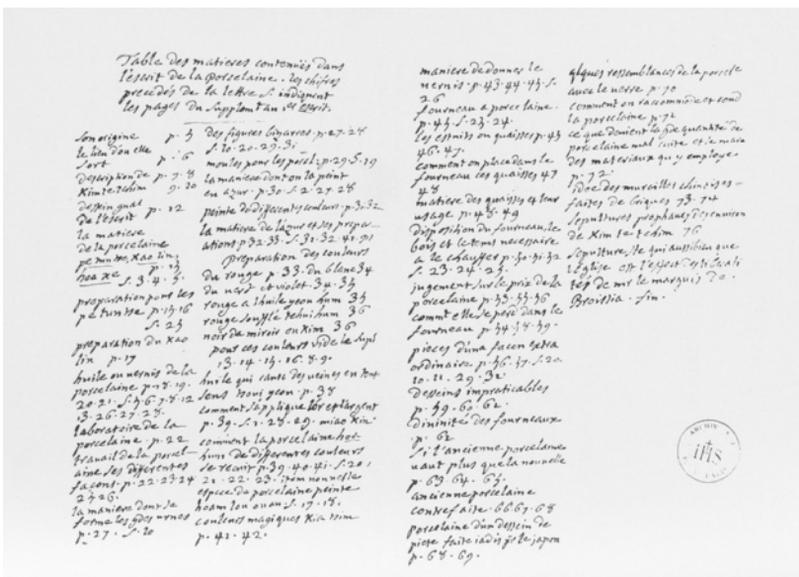
Estou na China. Estou a tentar atravessar uma rua em Jingdezhen, na província de Jianxi, a capital da porcelana, a mítica Ur onde tudo começa; chaminés de fornos que trabalham toda a noite, a cidade «como uma fornalha com muitos respiradouros de chamas», fábricas para a corte imperial, o norte na prega das montanhas para onde aponta a minha bússola. É este o sítio para onde os imperadores mandavam emissários com encomendas para o seu palácio – tanques de porcelana para carpas, incrivelmente altos, taças de pé para rituais, dezenas de milhares de peças para o serviço da sua casa. É aqui que afluem os mercadores com encomendas de travessas para banquetes de príncipes timúridas, bacias de abluções para xeques, serviços de jantar para rainhas. É a cidade dos segredos, mil anos de saberes, cinquenta gerações a escavar, a limpar e a combinar terra branca, a fazer e a estudar porcelana, cidade de oficinas, oleiros, vidradores, decoradores, mercadores, falsários e espões.

São onze da noite. A cidade é uma Manhattan de néon e trânsito, cai uma fina chuva de verão, e eu não sei bem para que lado fica a minha pousada. Tinha anotado o endereço («*Atrás da Fábrica de Porcelana 2*») e julgava que era capaz de pronunciar isso em mandarim, mas nenhum dos apressados transeuntes me percebe, e um homem insiste em vender-me tartarugas com o bico amarrado por um cordel. Não consigo convencê-lo de que não quero tartarugas.

Penso que é absurdo estar tão longe de casa. Ouço vozes de majongue, num volume ensurdecido, das televisões das inúmeras salas de jogo com globos espelhados de discotecas dos anos 70. As casas de *noodles* ainda estão cheias. Passa por mim uma criança

que choraminga, agarrada à mão do pai. Toda a gente tem chapéu de chuva menos eu. Um homem puxa um carrinho de mão com moldes de gatos mal abrigados por uma lona, e as motocicletas dançam à sua volta. É ridículo, alguém está a tocar a *Tosca*, muito alto. Conheço uma única pessoa em toda a cidade.

Não tenho mapa. Tenho as minhas fotocópias agrafadas das cartas do Père d'Entrecolles, o padre jesuíta francês que aqui viveu há trezentos anos e deixou descrições vívidas de como era feita a porcelana. Trouxe as cartas a pensar que ele me poderia servir de guia. Agora parece-me um gesto um tanto afetado e nada prático.



Páginas das cartas do Père d'Entrecolles sobre a porcelana chinesa, 1722

Desconfio de que não vou chegar vivo ao outro lado da rua.

Mas sei porque estou aqui, por isso, mesmo sem saber bem o caminho, avanço com segurança. Afinal é muito simples: uma espécie de peregrinação às origens, a oportunidade de subir à montanha donde vem a terra branca. Faltam-me poucos anos para fazer cinquenta. Faço vasos brancos há uns quarenta anos, e de porcelana há vinte e cinco. Tenho um plano traçado para visitar três lugares

onde a porcelana foi inventada ou reinventada, três colinas brancas, uma na China, outra na Alemanha e a terceira na Inglaterra. Cada um desses lugares é importante para mim. Conheço-os há décadas através de vasos, livros e histórias, mas nunca os visitei. Preciso de ir vê-los, preciso de ver como é a porcelana sob céus diferentes, como o branco muda com a latitude. Há mais coisas brancas no mundo, mas para mim a porcelana vem em primeiro lugar.

Esta viagem é o pagamento de uma dívida aos que já se foram.

## II

O pagamento de uma dívida. Soa a falsa modéstia, mas não é.

É uma verdade vivida, pode ter um tom declamatório, mas não deixa de ser uma verdade. Quem trabalha em porcelana existe no momento presente. A minha porcelana vem da região do Limousin, no centro-oeste de França. Vem em sacos de plástico de vinte quilos, cada saco com dois charutos de dez quilos de argila de porcelana perfeitamente homogeneizada, cor de nata gorda, com uma floração de bolor verde. Abro um saco, despejo-o para a mesa de cavalete, puxo o garrote de arame até um terço da altura, pego no coto e empurro-o para a bancada, amassando-o e virando-o de cima para baixo e de baixo para cima, num movimento circular, como se estivesse a fazer pão. A argila vai amaciando ao contacto das mãos. Abrando o movimento, e a argila forma uma esfera.

A minha roda de oleiro é americana, silenciosa e muito baixa, encostada à parede central do meu estúdio bastante caótico. Olho para a parede de tijoleira branca. Há gente a mais neste espaço reduzido, dois assistentes a tempo inteiro e dois a tempo parcial, para me ajudarem com o vidrado, a cozedura, a logística e agora o dilúvio de correspondência sobre o meu último livro. A vizinhança é demasiado barulhenta. Preciso de outro estúdio. As coisas estão a andar bem, acabo de ser convidado para expor em Nova Iorque. Imagino-me a percorrer uma vasta galeria cheia de luz, virar costas a uma peça minha, afastar-me, e depois dar meia-volta para a ver com novos olhos, isolada, como se fosse a primeira vez. Aqui, se abrir totalmente os braços bato nas caixas de embalagem. Consigo fazer um percurso de cinco metros num dia de pouco trânsito.

Toda a gente tenta não fazer barulho, mas, que inferno! O chão de cimento ressoa. Há uma discussão lá fora. Tenho mesmo de arranjar outra vez tempo para ser simpático para os agentes imobiliários, porque conseguir um estúdio em Londres não é fácil. Todos os bocadinhos de espaço nas traseiras das casas, onde as famílias costumavam ter as suas pequenas hortas ou oficinas, estão a ser transformados em apartamentos. Tenho de falar com o contabilista.

Sento-me à minha roda de oleiro.

Centro a pela de argila, molho as mãos, carrego com o polegar para abrir a pela e começo a fazer um vaso, puxando a massa para cima, a mão esquerda do lado de fora, três dedos da mão direita pressionados no interior como apoio, as paredes sobem e o volume vai mudando como um sopro, como o tom de uma frase ao ser dita. Estou aqui, neste momento, mas também estou longe. Muito longe. Porque esta argila é o presente histórico, o presente do indicativo. Estou em Tulse Hill, à beira da Circular Sul de Londres, no meu estúdio por trás de uma enfiada de churrasqueiras de frango e um escritório de apostas, ensanduichado entre um estofador e uma marcenaria, mas enquanto moldo este vaso estou na China. A porcelana é a China. A porcelana é a viagem à China.

É como pegar nesta taça de porcelana chinesa do século XII. Foi feita em Jingdezhen, rodada e depois relevada com uma flor num pé alto, rebordo nu, mal vidrada, verde-cinza. O vidrado apresenta minúsculas bolhas, *pequenos defeitos* como os vendedores chamam a marcas, riscos, crateras. Existe num tempo – o presente histórico – e é só por si um presente contínuo de movimentos ativos e dinâmicos, de opiniões e decisões. Não parece pertencer ao passado, e não me parece bem imobilizá-la no passado para obedecer a uma ortodoxia crítica. Esta taça foi feita por alguém que não conheço, em condições que só posso imaginar, para funções que posso ter entendido mal.

Mas reimaginá-la quando pego na argila é fazer uma nova criação.

Isso acontece porque a porcelana é duma plasticidade extrema. Esfrega-se entre o polegar e o indicador um torrão de porcelana do tamanho duma noz e ele vai-se tornando fino como papel, até deixar ver as nossas impressões digitais. Continua-se a esfregar.

Continua a esticar, parece inesgotável. Sente-se que vai ficando cada vez mais fina, até ser tão fina como uma folha de ouro e fluir no ar. E dá uma sensação de limpeza, sentimos as mãos mais limpas depois de a termos trabalhado. Uma sensação de brancura. Um branco cheio de antecipação, de potencialidades. É um material que regista cada movimento mental, cada mudança de ideias.

O que nos define?

Estou na praia quando a maré se retira. A praia está lavada, imaculada. Vou deixar a primeira marca na areia branca, o primeiro contacto de um pé na superfície lisa, sem saber calcular a profundidade e a precisão do passo que vou dar. Hesito diante de uma folha de papel branco como o *Escriba Sentado* de Bellini com o seu pincel. Oitenta pelos da cauda duma marta terminam num sopro, um único fio suspenso no ar. Estou pronto para começar. A hesitação de um beijo na nuca, como um amante.

Puxo o garrote na base da minha peça acabada, seco os dedos no avental, retiro-a da roda, coloco-a com uma satisfação breve numa prateleira à minha direita. Estendo a mão para outra bola de argila e recomeço.

Uma folha branca, em branco.

### III

Este momento, esta pausa, tem um certo ritual.

A porcelana é feita há mil anos, comprada e vendida há mil anos. E está na Europa há oito séculos. Encontram-se aliás alguns fragmentos mais antigos, «cacos» de vasos chineses que brilham provocantemente, encontrados ao pé de toscos canjirões de barro e que ninguém sabe explicar como chegaram a um cemitério de Kent ou a uma colina de Urbino. Há clarões de porcelana espalhados pela Europa medieval nos inventários de Jean, duque de Berry, e de dois ou três papas; no testamento de Piero de Médici figura *una coppa di porcellana*, uma taça de porcelana.

Vemos pinceladas de branco numa lista de ofertas levadas em embaixada de um príncipe para outro: um garanhão, uma tapeçaria bordada a ouro, um vaso de porcelana. É uma substância tão preciosa que na Florença medieval se acreditava que quem bebesse

veneno por uma taça de porcelana não sofria qualquer efeito. Uma taça belíssima de porcelana verde-céladon é encastoadada em prata e desaparece, transformada num cálice. Um canjirão de vinho recebe montagens preciosas e torna-se um jarro para banquete. Pode-se mesmo ter um vislumbre de porcelana num retábulo de Florença: um dos reis magos ajoelhado diante do Menino Jesus apresenta a sua oferenda de moedas de ouro num vaso de porcelana chinesa, e essa função parece apropriada para uma substância tão rara e tão mística, para um objeto que percorreu a longa rota do Oriente.

A porcelana evoca a distância. Marco Polo voltou do Catai em 1219 com sedas, brocados, a cabeça e as patas mumificadas de um cervo-almiscarado, e também com as suas histórias, *Divisament dou monde* [*Descrição do mundo*].

As histórias de Marco Polo são iridescentes. Tudo nelas brilha e cintila com a estranheza do lápis-lazúli, projetando sombras e reflexos luminosos. São labirínticas, repetitivas, improvisadas, ensaiadas. «Nessa cidade construiu Kublai Khan um enorme palácio de mármore e outras pedras ornamentais. Os salões e as câmaras são todos dourados, e todo o edifício é magnificamente esculpido e ricamente adornado.» Tudo é diferente, superlativo, hiperbólico, maravilhosamente faustoso, incrivelmente opulento. As tendas são forradas de arminho e zibelina.

Os números de Marco Polo ora são enormes (5000 gerifaltes, 2000 mastins, 5000 astrólogos e adivinhos na cidade de Cambalique), ora singulares: um leão que se prostra humildemente perante o Khan, uma pera enorme que pesa cinco quilos...

E as cores são sempre fabulosas. Os palácios são decorados com dragões, pássaros, cavaleiros, animais de muitas espécies, cenas de batalha. Os tetos são um fogo-de-artifício de escarlates, verdes, azuis, amarelos. Em fevereiro, conta Marco Polo, deslumbrado, há uma festa de Ano Novo Chinês:

E este é o modo como o celebram o Grão Khan e os seus súbditos. Manda o costume que todos, homens e mulheres, se vistam de branco conforme as suas posses, pois consideram que o vestuário branco é auspicioso e usá-lo no Ano

Novo lhes dará riqueza e felicidade todo o ano. Nesse dia todos os governantes, e todas as províncias e regiões e reinos sob o seu domínio, enviam valiosos presentes de ouro e prata e pérolas e pedras preciosas e muitos primorosos tecidos brancos (...) Os barões e cavaleiros e todo o povo oferecem uns aos outros coisas brancas (...) Sou testemunha de que nesse dia o Grão Khan recebe como oferta mais de cem mil cavalos brancos.

Marco Polo chega a «uma cidade chamada Tinju», onde

fazem recipientes de porcelana, grandes e pequenos, duma beleza incomparável. Não se fazem em parte alguma a não ser nessa cidade, donde são exportados para todo o mundo. Na cidade são tão abundantes e tão baratos que a mais pequena moeda veneziana daria para comprar três taças tão belas que nada mais bonito se pode imaginar. Esses pratos são feitos de uma terra farelenta que é escavada duma espécie de mina e acastelada em grandes montões que são deixados trinta ou quarenta anos expostos ao vento, à chuva e ao sol. Passado esse tempo a terra está tão refinada que os pratos feitos com ela são de um tom azulado com reflexos brilhantes. Deve notar-se que quando um homem faz um monte dessa terra o faz para os filhos, porque a maturação é tão lenta que ele não pode esperar tirar qualquer proveito para si ou sequer utilizá-la, mas o filho que lhe suceder colherá os frutos.

É a primeira vez que encontramos no Ocidente uma referência à porcelana.

Marco Polo descreve a porcelana como um material duma beleza sem par, de criação complexa, e refere que o número desses vasos é incontável. A porcelana requer atenção e dedicação. Marco Polo encolhe os ombros: «Mas isso é uma longa história.»

E portanto «vamos mudar de assunto».

Trouxe consigo um pequeno vaso verde-cinza, feito desse barro branco resistente e muito puro, diferente de tudo o que fora visto até então. E é em Veneza que o material e o nome se encontram

e começa a longa história de paixão da porcelana. O nome desta requintada matéria-prima, esse ouro branco, causa da ruína de príncipes e da *Porzellankrankheit* – a doença da porcelana – vem do calão dos pequenos rufias de Veneza, um vulgar assobio à passagem duma mulher bonita. *Porcellani*, porquinhas, é como eles chamam aos caurim, os búzios brancos que ali abundam, de conchas lisas e lustrosas como porcelana, e cuja abertura lembra obviamente aos rapazolas uma vulva. O nome fica.

#### IV

Marco Polo é capaz de mudar de assunto, mas eu não. Sabendo que o vaso que ele trouxe está na basílica de S. Marcos, é imperativo que eu o veja.

Começo por ir direito à questão: «Sou um escritor e oleiro inglês, e gostaria...», mas cartas e emails desaparecem no vácuo. Subo um nível: «O núncio papal recomendou-me que contactasse Vossa Excelência Reverendíssima...» Nada. O telefone toca em vão sobre uma secretária de mogno. Hora de almoço, agora e sempre, ámen, penso com azedume. Devem estar na segunda garrafa de vinho, ou então é dia santo em honra de algum mártir da República.

Agarro no Matthew, o meu filho do meio, e decido arriscar.

Chegamos à esquina esquerda da basílica, com os seus formigueiros de gente, redemoinhos de turistas, vendedores de malas sempre a olhar por cima do ombro, e às portas de vidro do Patriarcado, onde conto a minha história a um monsenhor que se mostra recetivo, direi mesmo agradado, e sugere que logo à noite, quando tudo estiver fechado... De dia, suspira, e abre os braços numa pantomima de cansaço, de dia há demasiados estrangeiros na basílica.

Em Itália vale sempre a pena levar uma criança connosco.

Quando começam a fechar as portas, o homem da chave guia-nos por um corredor de mármore do Patriarcado, passando por inúmeros retratos de cardeais, por entre as sombras e as grandes ondas do pavimento com o seu brilho mate sob a débil luz avermelhada das velas do santuário, até ao *Tesoro*.

É uma sala pequena, de abóbodas altas. Cristal de rocha e calcedónia, ágatas, uma urna egípcia de porfírio, uma taça persa

turquesa com montagens de ouro, tudo materiais que captam a luz. Cálices. Um relicário da Vera Cruz, constelado de gemas preciosas como exuberantes beijos infantis. Estou na Bizâncio da *Ascensão de Cristo*, do *Pantocrator*, tesouro após tesouro, trazidos de muito longe e transfigurados pela arte veneziana.

E lá está o meu vaso, ao fundo dum expositor, entre um par de turíbulos e um ícone de Cristo em mosaico. Uns 12,5 centímetros, calculo, menos de um palmo, com um friso de ramagens, quatro pequenos olhais abaixo do gargalo para prender uma tampa, cinco depressões para os dedos. Um objeto para a mão recordar. Não posso pegar-lhe. A argila parece-me acinzentada, áspera e um pouco esbeçada onde foi mal fretada. Veio de longe, de muito longe.

Ficamos a olhar para ele uns dez minutos, até que o homem da chave começa a dar sinais de impaciência. Fecha-se o *Tesoro*. A ba-sílica está vazia.

É um princípio. O Matthew gostou, eu gostei, vamos os dois para o Caffè Florian celebrar com chocolate quente e macarons.

v

A obsessão da porcelana desperta tantos ecos como uma viela de Veneza.

O que é afinal a porcelana? É «feita com o sumo de um fruto trazido do Oriente e que se funde com a terra», escreveu um astrólogo italiano em meados do século XVI. Outro garantia que «cascas de ovo e conchas de certos moluscos são moídas e reduzidas a um pó fino que é depois misturado com água e moldado em vasos. Os vasos são então escondidos, enterrados no solo, e cem anos mais tarde são desenterrados, considerados prontos, e postos à venda».

Há um consenso sobre a estranha natureza da porcelana, sujeita a uma transmutação alquímica, a um novo nascimento. John Donne escreve na emocionante *Elegy to the Lady Markham* [*Elegia a Lady Markham*] sobre a sua transformação na terra e de como a perda de um bem precioso aos nossos olhos pode resultar em algo ainda mais raro e mais belo: «Como o chinês, passada uma geração humana/ onde o avô plantou barro, vai colher porcelana.»